

3

O Conceito de Cultura

3.1

Na Antropologia

O conceito de cultura não é – e nunca foi – unânime. Quando um leigo se refere ao termo cultura, ele geralmente tem em mente o conceito mais erudito, que levaria em conta apenas as artes, as manifestações culturais de prestígio em uma sociedade: teatro, cinema, dança etc. Poder-se-ia pensar também em fatos geográficos e históricos relevantes de uma sociedade, como no termo alemão *Landeskunde*, a ser discutido mais adiante, que pode abarcar tantos aspectos da chamada cultura subjetiva, quanto da cultura objetiva (fatos, números).

Duranti (1997) lista e analisa seis teorias sobre o que seria cultura em sua obra *Linguistic Anthropology*. A primeira veria a cultura como tudo aquilo que o ser humano produz e que seria oposto à natureza. Cultura seria algo que os grupos humanos passariam para seus descendentes. Franz Boas (1911, 1963) é um dos representantes desse grupo, pois ele via a cultura como todas as ações do homem face à natureza e aos outros indivíduos. Para Boas, o ser humano apreende o mundo sob a ótica de sua cultura, a famosa “lente” já citada anteriormente que de alguma forma molda nossa visão de tudo o que vemos.

A segunda teoria, denominada de cognitiva, veria a cultura como uma síntese dos conhecimentos que são compartilhados pelos membros de uma determinada sociedade e que lhes servem de parâmetros para interagir entre si e também para apreender o mundo à sua volta, como foi sintetizada por Goodenough (1964 apud Duranti 1997).

A terceira teoria, cujos representantes mais famosos seriam Lévi-Strauss e Geertz, considera a cultura como uma maneira de representar o mundo e de entendê-lo. No entanto, enquanto o primeiro vê as culturas como adaptações da mente humana aos vários ambientes em que os seres humanos vivem para que

possam viver de maneira satisfatória, para o segundo, o que é mais interessante é justamente ver aquilo que é comum a todas as culturas, a fim de traçar regras gerais para o entendimento das culturas humanas. Já para estudiosos defensores da quarta teoria, como Marx, a cultura seria um mediador entre o ser humano e seus afazeres, i.e. tudo aquilo que o homem produz com o intuito de atingir seus objetivos, seja material ou não.

A quinta abordagem, pós-estruturalista, que teve em Bourdieu um de seus expoentes, vê a cultura como um sistema de práticas mediadas pelas relações que se estabelecem dentro de uma sociedade, abarcando aquelas entre indivíduos e também entre indivíduos e instituições.

O sexto entendimento do que seria cultura a vê como um sistema interativo, i.e. tudo o que o ser humano faz deve ser entendido dentro do contexto social. A cultura seria um resultado das interações entre os indivíduos de cada sociedade.

Laraia (2003) também faz um apanhado das várias teorias que tratam do conceito de cultura. É interessante notar que segundo o autor (Laraia 2003 : 25), o termo alemão *Kultur* já era utilizado no século XVIII “para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo”. O antropólogo inglês Edward Tylor teria sintetizado ambos os conceitos no termo inglês *culture*.

Laraia (2003 : 68) define cultura como:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura.

A cultura seria para Laraia - como já foi dito mais acima – uma espécie de guia de comportamento em cada sociedade. Ela determinaria como nos vestimos, o que é considerado adequado ou não em uma sociedade, como nos comportamos em relação aos demais, enfim, nossas ações seriam mediadas por aquilo que recebemos através da socialização.

No ensino de línguas estrangeiras modernas, é imprescindível que se transmitam, além dos conhecimentos puramente linguísticos, informações culturais no sentido acima descrito por Laraia para que a comunicação intercultural possa fluir de maneira bem sucedida. Essa abordagem pôde ser

observada nos preceitos contidos no QECR, como já foi dito no capítulo anterior. Notou-se uma preocupação em não se dissociar o ensino puramente linguístico das outras competências necessárias para que o aprendiz de uma língua estrangeira possa interagir eficazmente sob todos os aspectos com falantes nativos.

E o humor? Gostaríamos de lembrar o que diz Laraia sobre esse tema no contexto de seus estudos sobre cultura (Laraia 2003 : 68-69):

Mesmo o exercício de atividades consideradas como parte da fisiologia humana podem refletir diferenças de cultura. Tomemos, por exemplo, o riso. Rir é uma propriedade do homem e dos primatas superiores. O riso se expressa, primariamente, através da contração de determinados músculos da face e da emissão de um determinado tipo de som vocal. O riso exprime quase sempre um estado de alegria. Todos os homens riem, mas o fazem de maneira diferente por motivos diversos. (...)

Pessoas de culturas diferentes riem de coisas diversas. O repetitivo pastelão americano não encontra entre nós a mesma receptividade da comédia erótica italiana, porque em nossa cultura a piada deve ser temperada com uma boa dose de sexo e não melada pelo arremesso de tortas e bolos na face do adversário. (...) Enfim, poderíamos continuar indefinidamente mostrando que o riso é totalmente condicionado pelos padrões culturais, apesar de toda sua fisiologia.

O riso seria inerente ao ser humano, mas suas realizações seriam diferentes. Daí a necessidade de seu entendimento por parte do aprendiz de uma língua estrangeira, pois seu desconhecimento pode levar a situações embaraçosas, p.ex. Pois, como diz Laraia (2003: 92), baseando-se em Needham:

O que podemos deduzir da analogia de formulada por Needham é que cada cultura ordenou a seu modo o mundo que a circunscreve e que essa ordenação dá um sentido cultural à aparente confusão das coisas naturais.

Assim, também o riso - considerado já por Aristóteles um dos pontos que nos diferencia dos animais, sendo algo natural ao ser humano - faz parte dos valores e crenças de cada cultura. Citando Laraia (2003 : 93) uma derradeira vez: “Finalmente, entender a lógica de um sistema cultural depende da compreensão das categorias constituídas pelo mesmo”.

3.2

Landeskunde

O termo *Landeskunde* - utilizado no ensino de alemão como língua estrangeira - é difícil de ser traduzido com uma só palavra em português. A denominação dada a tudo aquilo que ele abarca se modificou bastante desde o século XIX até nossos dias.

Koreik (1999 : 18-19) traça um histórico desde a década de 1880, quando o termo *Realienskunde* era utilizado num contexto histórico em que o comércio aumentou e a política colonialista estava no seu auge. Esse termo que tinha por definição transmitir informações sobre o cotidiano, era voltado para o aprendizado de idiomas a fim de servir ao objetivo de fomentar o comércio entre as nações.

A partir do início do século XX, passou-se a utilizar o termo *Kulturkunde*, até o início da década de 60. Nesta época, nota-se uma tendência a colocar em evidência os valores nacionalistas, primeiramente também dos outros povos para culminar - sob a ditadura nazista – com a comparação negativa exaltando a própria grandeza germânica. Após a Segunda Guerra, embora não houvesse uma presença explícita do termo nos currículos, imperava a necessidade de desconstruir estereótipos.

Desde a década de 60, fala-se de *Landeskunde*. Inicialmente, não se falava ainda de interculturalidade, mas principalmente em informações ligadas ao dia-a-dia e à competência comunicativa. Não se tratava apenas de *faktische Landeskunde* (números e fatos), mas também de informações mais cotidianas, sem entrar em questões interculturais ao se tratar de *Landeskunde* como se começou a fazer na década de 80 (Macaire & Hosch, 2000 : 45-47).

Landeskunde é mais do que *Kultur*, mas abrange também o que se costuma chamar de fatos e dados (*faktische Landeskunde*). *Kultur* tinha até a década de 70 do século XX a mesma conotação de “alta cultura” que tem ainda hoje em dia coloquialmente (ligada aos adjetivos culto e *kultiviert*, em português e em alemão, respectivamente).

A partir dessa época, passou-se a utilizar o chamado *erweiterter Kulturbegriff*, i.e. conceito de cultura ampliado, vindo da antropologia e que abarcava então não apenas manifestações da *hohe Kultur*, i.e. a cultura da elite,

mas sim todo tipo de manifestação de um povo, como já foi definido no capítulo anterior.

Desde a década de 90, prefere-se o termo *offener Kulturbegriff*, pois ele é, por um lado mais abrangente (conceito aberto de cultura, e não mais ampliado), mas de fato significou uma reação contrária à tendência de só ser tematizada a cultura do cotidiano (Biechele & Padrós 2003 : 11-13) para se olhar a sociedade mais a fundo. Sartorius (1997) apud Biechele & Padrós (2003 : 94) descreve assim a situação ainda na década de 90 :

Das Fachgebiet DaF (Deutsch als Fremdsprache) verharrt auch Mitte der neunziger Jahre zum Teil noch in didaktischen Positionen der siebziger Jahre: zum Befremden etlicher Deutschlerner überall auf der Welt, die durch ihre Höflichkeit gerade noch davon abgehalten werden, sich laut darüber zu wundern, daß in dem Land, dessen Kultur sie lieben und verehren, dessen Sprache sie sich mit beträchtlichem finanziellen und lebenszeitlichen Aufwand aneignen wollen, zahlreiche Lehrwerke ein allzu einseitiges, auf Alltagssituationen konzentriertes Bild vermitteln”.¹

O termo *Kultur* foi posicionado dentro do que se convencionou chamar *Landeskunde* o qual abrange, portanto, aquilo que em outras línguas se considera atualmente pertinente ao conceito de cultura, i.e. cultura entendida como todas as manifestações culturais de um povo, tanto as chamadas “cultas”, quanto as manifestações mais populares e cotidianas, mas também conhecimentos mais voltados aos fatos (*faktische Landeskunde*). É nesse contexto que vemos o estudo do humor: como parte integrante dos elementos necessários ao entendimento da cultura alemã ou brasileira.

3.3

O entendimento de Cultura na Comunicação Intercultural

3.3.1

Hall

¹ A disciplina Alemão como língua estrangeira persiste ainda em meados da década de 90 em posicionamentos didáticos dos anos 70: para espanto de muitos estudantes de alemão no mundo todo, que só são impedidos por sua educação de se admirar em voz alta que no país cuja cultura eles amam e veneram - cuja língua eles desejam aprender com considerável esforço e empenho de tempo- sejam produzidos vários livros que transmitem uma imagem unilateral, que se concentra basicamente em situações cotidianas.

A preocupação com o elemento intercultural cresceu no mundo inteiro a partir da Segunda Guerra Mundial por causa do aumento dos fluxos de pessoas e comércio através do mundo, como já foi dito acima. Os livros de Edward Hall (1959) *The Silent Language* e (1966) *The Hidden Dimension* são considerados dois marcos dos estudos interculturais. Nessas obras, Hall lançou as bases para um estudo mais científico e palpável dos fenômenos interculturais através da criação de parâmetros para se entender as diferenças entre as culturas sem pré-conceitos.

As experiências pessoais de Hall ajudaram a sensibilizá-lo desde cedo para as diferenças culturais. Ele teve contato muito cedo com comunidades indígenas norte-americanas, afro-americanas e estrangeiras por ter crescido no Novo México e servido no exército americano nas Filipinas e posteriormente no Ministério das Relações Exteriores Americano na Europa e notou as dificuldades que surgiam não só da falta de conhecimento linguístico por parte dos diplomatas americanos como também do desconhecimento acerca de fatos até então considerados mais sutis, relacionados à cultura, tradições, tabus (Rogers, Hart, & Miike 2002 : 3).

Hall foi influenciado por vários nomes importantes no início do século XX, como os linguistas Whorf e Sapir e os antropólogos Boas e Rose Benedict. Esses estudiosos foram representantes do que se convencionou chamar relativismo linguístico/cultural – teoria que teve uma leitura por vezes mais radical, o determinismo (Dourado & Poshar 2002 : 4).

As raízes do relativismo - ou mesmo do determinismo – estavam já presentes nas ideias dos estudiosos alemães Herder e Wilhelm von Humboldt, que no contexto do Romantismo e da formação das identidades nacionais no século XVIII-XIX pregavam a singularidade de cada língua e por consequência de cada cultura, já que nessa época iniciou-se o processo que levou ao entendimento que ainda hoje se tem muitas vezes de que a um país correspondem uma língua e uma cultura nacionais, como foi feito na França após a Revolução Francesa. Como diz Robl (1975 : 6):

No entender de Humboldt, a diversidade de línguas provém não tanto da diferença de sons e signos, mas sim, das diferentes concepções do mundo. E qualificou de verdadeiramente desastrosa para a lingüística a idéia muito difundida de que as diversas línguas não fariam outra coisa senão assinar ou rotular nomes a uma mesma congêrie de objetos existentes independentemente desses nomes. Para Humboldt, "embora as línguas tenham propriedades

universais, atribuíveis à mentalidade humana como tal, cada língua oferece um "mundo de pensamento" e um ponto de vista de tipo único".

Portanto, qualquer língua deve ser olhada como um todo orgânico, diferente dos demais. É a expressão da individualidade do povo que a fala. A característica da psique de uma nação. De certa forma — afirma ele — "a língua é a manifestação exterior do espírito dos povos; seu espírito e sua língua e sua língua é seu espírito". Em resumo, a língua não designa uma "realidade" pré-existente. Ela organiza, para os falantes, o mundo circunstante.

A partir dessas ideias, Humboldt cunhou dois termos que passaram a ser usados em várias línguas para designar o fato de que cada cultura vê o mundo de sua maneira particular, e que a língua é um veículo dessa concepção/visão de mundo: *Weltanschauung* e *Weltbild* (visão de mundo e imagem do mundo).

Hall se insere nessa linha de pensamento que vê as idiossincrasias de cada cultura como relativas, i.e. não como elementos de algo determinista. Para entendê-las, ele criou parâmetros que têm por finalidade entender a lógica interna de cada cultura, seguindo a lógica de Boas (Dourado & Poshar 2007 : 5).

O termo proxêmica, cunhado por Hall a partir dos ensinamentos de Boas, é considerado hoje um instrumento válido para se categorizar culturas. O Brasil seria uma cultura onde a necessidade de distância é mínima se comparada à cultura americana ou à alemã, onde a necessidade de distância física é sentida como maior. O fato de brasileiros se tocarem com mais frequência que alemães é um indício da veracidade dessa afirmação.

Schopenhauer, em sua famosa metáfora do grupo de porcos-espinho² nos dá um bom exemplo dessa imagem: no frio, os porcos do mato se aproximam a fim de se aquecerem mutuamente, mas seus espinhos os impedem de aproximar-se demais. Transportando a imagem de Schopenhauer para a teoria de Hall, equivaleria a se dizer que a distância que cada indivíduo necessita do outro para não se "ferir" depende do que lhe tiver sido imposto pela socialização em determinado grupo humano.

Em seu livro *Beyond Culture*, publicado em 1976, Hall introduziu mais um parâmetro amplamente aceito hoje em dia nos estudos interculturais e que é normalmente utilizado em inglês: *low/ high context* (baixo/alto contexto).

Esses dois conceitos correspondem à quantidade de informação verbal que é necessária em cada cultura para que a mensagem seja decodificada de maneira

² Cf. <http://gutenberg.spiegel.de/buch/4997/1>, acessado no dia 18/01/2012.

eficaz, completa. O exemplo mais conhecido de cultura *high-context* é o Japão, onde os ensinamentos de Hall foram amplamente difundidos por ajudarem a explicar muitas fontes de mal-entendidos no contato com estrangeiros.

No Japão, há vários códigos, interditos que não são expressos verbalmente ou diretamente. Os falantes nativos do japonês, tendo sido socializados dentro daquela cultura, entendem mensagens subliminares que passam totalmente despercebidas pelos forasteiros. O Brasil também é um caso de *high-context*, mas menos exacerbado do que naquele país oriental. Muitas informações são compartilhadas pelos falantes e por isso não precisam ser explicitadas na fala.

Um exemplo clássico é o famoso “passa lá em casa” dos brasileiros que pode ser interpretado literalmente pelos estrangeiros, ou o “a gente se fala” – que não necessariamente se realizarão. Um encontro marcado às 8 horas em um bar não deve ser encarado como algo a ser cumprido pontualmente por um carioca por ex., pois o horário das 8 é apenas um horário de referência. Isso não será decodificado por um alemão, que faz questão de pontualidade mesmo em situações mais informais. Um bom exemplo disso na Alemanha é o fato de que há dois termos no sistema universitário alemão para dizer quando a aula de um professor começará respectivamente pontual às 10 h p.ex. ou “pontualmente atrasada” às 10.15. Trata-se de uma informação explícita nos horários: c.t. e s.t., respectivamente: *cum tempore*, *sine tempore*. O “atraso” deve ser comunicado diretamente.

Low-context e *high-context* são traduzidos usualmente por diretividade e indiretividade. Os alemães são conhecidos por sua diretividade, *Direktheit* como se diz em alemão, um brasileiro diria “curto e grosso” – e isso já revela quão desagradável é o fato de uma informação ser direta “curta” - e essa é por vezes uma fonte de desentendimentos entre indivíduos das duas culturas.

O fato de uma cultura *high-context* necessitar menos do que é dito explicitamente pelos interlocutores nos remete à importância das redes de relacionamentos pessoais. Enquanto um indivíduo socializado em uma cultura *low-context* aprende a segmentar, compartimentar os campos profissional/pessoal, nas culturas *high-context* como a brasileira nota-se uma tendência à interpenetração entre esses dois campos. Como diz Hanke (2006 : 6) em seu estudo sobre o ambiente corporativo:

A contraposição entre culturas de baixo- e de alto-contexto explica também as diversas formas de cumprimentar. Nas culturas de baixo-contexto, dá-se pouca importância ao estabelecimento de uma rede pessoal, de forma que o cumprimento é reduzido a um mínimo (por exemplo um aceno de cabeça ou até mesmo um olhar de certa distância pode bastar).

Em culturas de alto-contexto existe, ao contrário, um ritual que toma tempo. Sem uma troca de beijos e palavras, surge a impressão de que algo está errado ou os colegas sentem-se ofendidos. Num relato, um empregado de uma firma americana no Brasil reclama que o chefe toda manhã só dizia um “hi” aos empregados e dirigia-se, rapidamente, ao seu escritório. Este comportamento era interpretado como grosseiro e ofensivo, enquanto que, para o executivo americano, era coerente com sua prática cultural (valorizar tarefas mais que relações, cultura de baixo contexto (...)).

DaMatta (1997) descreveu tal fenômeno com muita propriedade em sua famosa dicotomia casa e rua. Segundo ele, a tendência do brasileiro a englobar a rua na casa - que não representariam espaços físicos, mas sim simbólicos - significaria principalmente a tentativa de fugir da impessoalidade e tornar o ambiente hostil do não-familiar em amistoso, onde suas redes de contatos possam fluir, fazendo com que todos pertençam à mesma “família”.

O termo homem cordial, cunhado por Sérgio Buarque de Holanda em seu clássico *Raízes do Brasil*, descreve exatamente esse tipo de redes de relacionamentos tão caras aos brasileiros que nem sempre é compreendido por pessoas de culturas *low-context*, como diz Silva (2006 : 6):

Assim é a cordialidade brasileira, que muitos gringos confundem com amizade. Ser cordial fornece uma desculpa para se forjar um relacionamento pessoal com alguém que, embora ténue, poderá abrir portas no futuro. É o oposto da polidez: a polidez levanta muros, a cordialidade lhe permite aconchegar-se no colo de alguém e ajustar-lhe a gravata.

Outra categoria detectada por Hall (1977) em seus estudos foi a de percepção do tempo nas diversas culturas do mundo. Segundo Hall, há sociedades em que o tempo é encarado como sendo efetivamente uma linha i.e. linear e indivisível. Como na máxima da física segundo a qual dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo, para as culturas por ele batizadas de monocrônicas é inconcebível que se façam duas coisas ao mesmo tempo. A interrupção de uma tarefa é considerada inadmissível e deve ser evitada.

As culturas policrônicas por sua vez admitem a simultaneidade de ações, pois ela permite aquilo que já foi mencionado acima para o par *high/low-context*:

maior interação entre os indivíduos. As relações interpessoais são consideradas mais importantes do que as ações em si.

Nesse ponto, cabe observar que o famoso “jeitinho” – que é frequentemente visto como um aspecto negativo da cultura brasileira - é muitas vezes de fato um elemento ligado à capacidade de improvisação do brasileiro que advém justamente da relativa facilidade que temos em lidar com imprevistos. Os planos podem ser mudados mais facilmente - já que esquemas organizados e calculados milimetricamente não são necessariamente seguidos tão à risca como nas culturas *low-context*.

3.3.2

Hofstede

O pesquisador holandês Geert Hofstede também contribuiu muito para os estudos interculturais através dos resultados obtidos por sua pesquisa levada a cabo entre os anos 67 a 73. Seu corpus foram questionários que foram respondidos por funcionários da IBM em 53 culturas diferentes no mundo inteiro. Ainda que seus dados sejam considerados por alguns estudiosos defasados (Hanke 2006 : 2), pois a globalização já poderia ter causado modificações grandes nos padrões de comportamento de algumas sociedades, seus parâmetros são reconhecidos ainda hoje como válidos e complementam aqueles criados por Hall.

Hofstede (1991) lança mão de uma metáfora bastante moderna para definir culturas: para ele, os padrões que são inculcados nos indivíduos no processo de socialização em determinada cultura seriam como um “programa mental”, ou como o título de um de seus livros mais importantes: *software of the mind*. Esse programa incluiria alguns itens a serem programados de acordo com os valores de cada cultura. Inicialmente, ele trabalhou com três itens: distância do poder, individualismo vs. coletivismo, masculinidade vs. feminilidade. Mais tarde, foi introduzido o conceito de controle de incertezas.

Distância do poder mede por assim dizer o valor dado à hierarquia. Em uma sociedade que valoriza bastante a diferença entre as relações de subordinação e superordinação, o índice de distância do poder é grande. Tal fato se reflete tanto nas relações de trabalho quanto nas relações pessoais.

O Brasil seria um exemplo de alto índice de distância do poder, assim como outros países latino-americanos e asiáticos, mas também a França e a Espanha. Isso se refletiria p.ex. no costume de se tratar pais e avós por o senhor/a senhora – hábito esse que parece ter se perdido ou estar em vias de desaparecer pelo menos no Rio de Janeiro. A Alemanha é um clássico exemplo de país em que a distância do poder é bem pequena, um país igualitário em muitos campos. Como exemplo, Deus é tratado de *du* em alemão, e não de *Sie*, o senhor.

Nas sociedades com alto índice de Distância do Poder, aceitam-se sem grandes questionamentos as ordens de cima, e até é esperado que isso aconteça. Há um grande respeito por autoridades, o que ficaria claro no tristemente famoso (mau) hábito que ainda persiste por vezes na sociedade brasileira da “carteirada” ou do “sabe com quem está falando”. Ambas as expressões se referem à ausência de questionamento caso uma ordem ou pedido venha de uma instância reconhecida como superior.

Outro parâmetro estabelecido por Hofstede a fim de caracterizar culturas é a dicotomia coletivismo versus individualismo. Ambos os termos são praticamente autoexplicativos. Em sociedades coletivistas, o objetivo do grupo deve ser colocado acima do objetivo pessoal, enquanto que nas sociedades individualistas ocorre o contrário. Segundo Hanke (2006), a renda per capita alta parece estar ligada ao individualismo. Não é à toa que se costuma afirmar que estamos ficando cada vez mais individualistas, mesmo no Brasil, devido ao crescimento econômico.

Em sociedades coletivistas, há a integração dos indivíduos desde cedo em grupos. No caso do Brasil, nota-se a tendência por ex. de se colocar as crianças ainda muito pequenas em creches ou maternais, por necessidade, obviamente. Na Alemanha, nota-se ainda hoje um menor número de crianças que são obrigadas a ir para a *Krippe* (creche), de modo que a socialização das crianças é de geralmente mais tardia. Não se podem esquecer dois fatores: a mãe tem direito a seu emprego durante três anos após o parto e a infraestrutura de creches e maternais é na Alemanha bastante reduzida, de modo que as mães têm normalmente de fazer uma pausa profissional maior do que no Brasil. Além disso, nota-se na sociedade alemã uma certa pressão para que as mulheres fiquem em casa enquanto as crianças são pequenas.

O coletivismo está relacionado ao conceito de *high-context* de Hall, pois é nas sociedades coletivistas em que se estabelecem as redes de relações pessoais e profissionais – que no caso do Brasil se confundem por vezes, como demonstrou DaMatta. Pelo fato de as pessoas fazerem parte de grupos coesos, a harmonia entre os membros é de suma importância. Daí advém a necessidade da indiretividade nas relações. Isso se reflete p. ex. na dificuldade em se dizer *não* explicitamente. Um recusa muito direta e incisiva pode ser percebida em culturas aparentemente tão diferentes como são a brasileira e a japonesa como uma ofensa.

Já no caso das culturas individualistas, nota-se o imperativo da diretividade. O que já foi dito acima acerca do conceito de *low-context* cabe também aqui: conflitos não são evitados, pois é o momento de se expressar a opinião pessoal e defendê-la. A diretividade alemã confrontada com a indiretividade brasileira podem ser fonte de conflitos, como explicita Hanke (2006 : 4), citando Waquil (2000 :5):

Uma brasileira (de uma cultura coletivista) sintetiza experiências pessoais na Alemanha (país com cultura individualista) desta forma: “Sempre achei notável, como eles [os alemães] podem discutir horas e horas um certo problema. As opiniões mais polêmicas de ambos os lados não foram motivo para ataques pessoais, também porque uma crítica direta não foi tomada como ataque. Eu me dei conta de como os alemães gostam de discutir. Eles não tomam uma crítica como ofensa... Assim, eles podem, após uma disputa acalorada, fazer uma caminhada pacífica.”

Os critérios masculinidade e feminilidade se referem respectivamente a qualidades consideradas por Hofstede como “masculinas”, tais como importância dada ao sucesso e competitividade, e “femininas”, como necessidade de harmonia e importância dada à vida pessoal, p.ex. As definições de Hofstede (2001 : 297) são as seguintes:

Masculinity stands for a society in which social gender roles are clearly distinct: Men are supposed to be assertive, tough, and focused on material success; women are supposed to be more modest, tender, and concerned with the quality of life. Femininity stands for a society in which social gender roles overlap: Both men and women are supposed to be modest, tender, and concerned with the quality of life.³

³ Masculinidade define uma sociedade na qual os papéis de cada gênero são claramente distintos: homens devem ser assertivos, durões e focados no sucesso material; mulheres devem ser mais modestas, carinhosas e preocupadas com a qualidade de vida). Feminilidade define uma sociedade em que os papéis sociais se sobrepõem: tanto homens quanto mulheres devem ser modestos, ternos e preocupados com a qualidade de vida.

Os critérios masculinidade/feminilidade como foram definidos mais tarde por Hofstede (2008), continuam a colocar o foco naquilo que se costuma denominar hoje em dia *soft skills*:

The masculinity side of this dimension represents a preference in society for achievement, heroism, assertiveness and material reward for success. Society at large is more competitive. Its opposite, femininity, stands for a preference for cooperation, modesty, caring for the weak and quality of life. Society at large is more consensus-oriented.⁴ (<http://geert-hofstede.com/dimensions.html>)

Na comparação, o Brasil seria um país mais feminino – nos termos de Hofstede – que a Alemanha, ainda que a diferença entre os dois não seja muito grande.

Brazil scores 49 on this dimension, really in the middle. The softer aspects of culture such as leveling with others, consensus, sympathy for the underdog are valued and encouraged. Conflicts are avoided in private and work life and consensus at the end is important.⁵ (<http://geert-hofstede.com/brazil.html>)

With a score of 66 Germany is considered a masculine society. Performance is highly valued and early required as the school system separates children into different types of schools at the age of ten. People rather “live in order to work” and draw a lot of self-esteem from their tasks. Managers are expected to be decisive and assertive.⁶ (<http://geert-hofstede.com/germany.html>)

A categoria de controle de incerteza está relacionada ao tempo, mas de maneira diferente do par monocrômico/policrômico. No caso do controle de incerteza, algumas culturas encaram o encadeamento temporal como um modelo a ser seguido nos mesmo moldes das culturas monocrômicas. Assim como culturas monocrômicas vêem o contínuo do tempo como sendo uma ordem a ser cumprida,

⁴ O lado da masculinidade dessa dimensão representa uma preferência na sociedade por performance, heroísmo, assertividade e recompensa material pelo sucesso. A sociedade de um modo geral é mais competitiva. Seu contrário, feminilidade, representa uma preferência por cooperação, modéstia, preocupação com os mais fracos e qualidade de vida. A sociedade é de modo geral, mais voltada para o consenso.

⁵ O Brasil atinge 49 nessa dimensão, realmente no meio. Os aspectos mais suaves da cultura, tais como contemporizar com outras pessoas, consenso, simpatia com desfavorecidos, são valorizados e encorajados. Conflitos são evitados na vida privada e no trabalho, consenso é mais importante no final.

⁶ Com 66 pontos, a Alemanha é considerada uma sociedade masculina. O bom desempenho é muito valorizado e adquirido já na escola, já que o sistema escolar separa as crianças em diferentes escolas já na idade de 10 anos. As pessoas “vivem mais para trabalhar” e retiram muito de sua autoestima de suas tarefas. Executivos devem ser decididos e assertivos.

uma após a outra, as culturas em que os indivíduos tentam controlar as incertezas tentam planejar tudo nos mínimos detalhes, para evitar surpresas e incidentes.

Nas culturas polícronicas, há uma capacidade maior de aceitação da simultaneidade de ações, pois o planejamento é menos a longo prazo e menos por assim dizer “amarrado”, deixando espaço para a improvisação e ajustes posteriores. Aqui entra no caso brasileiro o famoso “jogo de cintura” ou “jeitinho” que ajuda no caso de algum imprevisto ou alguma falha no planejamento.

Os provérbios e ditos – que nada mais são que sabedoria popular condensada (Lewandowska 2008 : 153-154) - transportam no caso do alemão a inflexibilidade e o imperativo da ordem: *Ordnung muss sein* e *Ordnung ist das halbe Leben* (Ordem é tudo e Ordem é a metade da vida), enquanto que no caso do Brasil, dir-se-ia: “Pra tudo tem um jeito”.

3.3.3

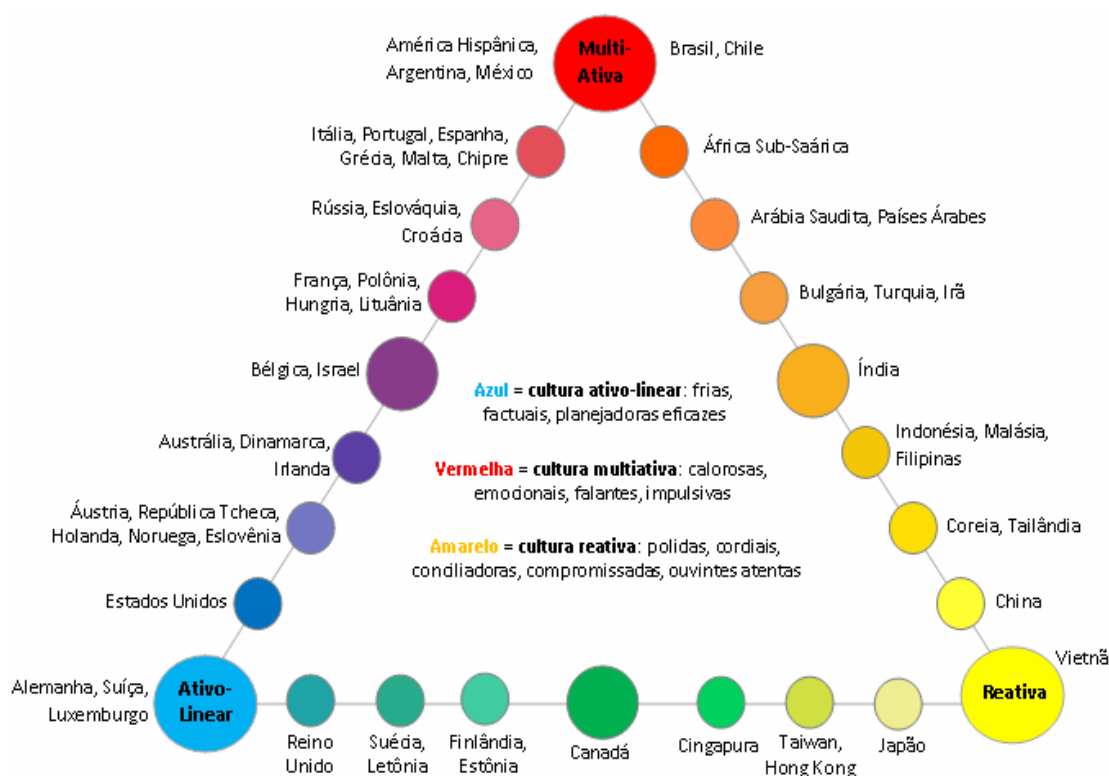
Richard Lewis

O linguista britânico Richard Lewis lançou com seu livro *When Cultures Collide* três critérios que servem de ajuda para entender a lógica interna de cada cultura e como comunicar de modo eficaz com ela. Eles seriam:

1. Linear-ativo – seriam culturas nas quais se valorizam a organização, a pontualidade, o respeito à individualidade de cada um, regulamentos e a hierarquia cronológica de tarefas.
2. Multi-ativo – Seriam as culturas em que as pessoas geralmente são extrovertidas, falantes e que prezam mais pelos resultados do que pela organização e os passos para alcançá-los. Sociedades em que o individualismo não é tão valorizado e que admite e exige flexibilidade de seus membros. As relações humanas são fundamentais em todos os âmbitos, sejam eles pessoais ou de trabalho, mas dão mais importância à família que os linear-ativos.
3. Reativo – caracterizado pelo fato de ser uma cultura de maior intorversão e de respeito pelo próximo. Trata-se de sociedades em que a paciência tem um papel fundamental, onde a perda da face é um ato grave. Preza-se o tempo necessário para se planejar tarefas.

Lewis categorizou a Alemanha, Inglaterra e Suíça como sendo linear-ativos, o Brasil, bem como outros países da América Latina, os países árabes e africanos como s multi-ativos e *grosso modo* os países asiáticos como reativos.

Notam-se vários pontos de contato entre as categorias de Hofstede e Hall discutidas acima e as de Lewis. O quadro número 1⁷ abaixo sintetiza graficamente a distância que há para a teoria de Lewis entre a cultura brasileira e a cultura alemã. O Brasil se encontra no extremo multi-ativo, enquanto a Alemanha, juntamente com a Suíça, está no outro extremo – o exemplo mais claro de cultura linear-ativa.



Quadro 1 – Esquema de Lewis

Se observarmos atentamente o quadro número 2⁸, que apresenta uma lista de características mais detalhada do que o exposto acima, notam-se vários pontos de atrito entre as duas culturas. Pontos de atrito esses que serão a base da análise do

⁷ Adaptado de: <http://www.crossculture.com/services/cross-culture>. Acesso dia 25/08/2011.

⁸ Adaptado de: <http://www.crossculture.com/UserFiles/Image/LMR-table-new.gif>. Acesso dia 5/8/2011.

corpus do presente estudo. Pode-se dizer que o humor alemão é diferente do brasileiro por causa dessas diferenças culturais ou o caráter humano, universalista do humor reiterado por vários estudiosos pesa mais?

Quadro 2 – Quadro sinótico de Lewis

Linear-ativo	Multiativo	Reativo
Fala a metade do tempo	Fala a maior parte do tempo	Escuta a maior parte
Faz uma coisa de cada vez	Faz várias coisas ao mesmo tempo	Reage a ações dos parceiros
Planeja tudo passo a passo	Esboça os planos apenas	Observa princípios gerais
Educado mas direto	Emocional	Educado, indireto
Não revela todos seus sentimentos	Demonstra sentimentos	Esconde seus sentimentos
Confronta com lógica	Confronta emocionalmente	Nunca confronta
Não gosta de perder a face	Tem sempre boas desculpas	Não pode perder a face
Interrompe raramente	Interrompe frequentemente	Não interrompe
Orientado para o trabalho	Orientado para as relações interpessoais	Muito voltado para o interpessoal
Usa fatos nas discussões	Sentimentos vêm antes dos fatos	Palavra é promessa
Verdade antes da diplomacia	Verdade flexível	Diplomacia antes da verdade
Às vezes impaciente	Impaciente	Paciente
Linguagem corporal limitada	Linguagem corporal ilimitada	Linguagem corporal sutil
Respeito por tudo que é oficial	Procura pessoas-chave	Usa as conexões
Separa social do profissional	Interpenetra social e profissional	Conecta vida social e profissional

Das características das culturas multiativas, como a brasileira, as que mais interessam no contexto do humor é o fato de sermos emocionais, reagirmos mais

de acordo com eles do que com a razão. O humor é comumente ligado aos sentimentos. Se esses são por um lado mais claramente expressados pelos brasileiros, por outro lado, o fato de sermos menos diretos em outras searas contrabalança o total.

3.3.4

Alexander Thomas – *Kulturstandards*

O psicólogo Alexander Thomas, durante muitos anos professor da Universidade de Regensburg, na Alemanha, dedicou-se ao estudo intercultural, tendo lançado vários livros com essa temática. Thomas lançou as teses dos *Kulturstandards*, i.e. padrões culturais. Trata-se de mais uma forma de categorizar de maneira mais objetiva aquilo que as pessoas percebem na prática e no contato com outras culturas. Esses padrões culturais seriam nas palavras do autor (Thomas 1993 : 381):

(...) alle Arten des Wahrnehmens, Denkens, Wertens und Handelns (...), die von der Mehrzahl der Mitglieder einer bestimmten Kultur für sich persönlich und andere als normal, selbstverständlich, typisch und verbindlich angesehen werden⁹.

Como se pode depreender do que diz Thomas, esses padrões culturais são válidos para a maioria dos membros de uma determinada cultura, pois são aprendidos durante a socialização e são tidos a partir de então como óbvios e “naturais”, como se fosse essa a única maneira de se entender o mundo e nele se comportar “corretamente”. Regras, explícitas ou implícitas, *do's and don'ts* em cada cultura se baseiam nesses padrões descritos por Thomas. Ou, nas palavras de Schröder (2005):

Ponto de partida para o entendimento de cultura postulado é uma visão construtivista: o mundo no qual vivemos é construído pela comunidade cultural por meio da língua e esse processo construtivo e intersubjetivo já começa com o ato da percepção. Essas percepções, divididas intersubjetivamente, são reproduzidas e manifestadas pelo uso de língua. Com o tempo, as comunidades de cultura diferentes objetivam gêneros comunicativos e formam tradições de colocação de sentido, que, por sua vez, baseiam-se na institucionalização e em atos repetidos que servem para que não haja a necessidade de se redefinir

⁹ (...) todas as formas de perceber, pensar, avaliar e agir (...) que são consideradas pela maioria dos membros de uma determinada cultura como sendo normais, óbvias, típicas e obrigatórias para si e para os outros.

objetivos e motivos novamente, pois são recorrências já comprovadas. Essas instituições, guias de comportamento, receitas cotidianas, ou padrões de papéis como respostas tipificadas a perguntas também tipificadas, sobretudo, são resultados de processos comunicativos.

Ou, nas palavras de Thomas (2005 : 12):

Quando criança, observamos o comportamento dos outros e imitamos o que vemos, após termos visto um comportamento igual repetidamente. Logo alguns rituais e modelos de comportamentos são vistos como naturais. Isso tem a vantagem de não precisarmos ficar pensando como se comportar a cada vez que se vai ao restaurante. (...) Padrões culturais possuem uma função orientadora para o nosso próprio comportamento e o dos outros. (...) Esses processos são tão automatizados, que os padrões culturais em nosso próprio comportamento não são mais percebidos como tais e são exigidos automaticamente pelos outros à nossa volta.¹⁰

Thomas definiu as teses dos *Kulturstandards* em seus livros *Kulturvergleichende Psychologie*, de 1993 e *Handbuch interkulturelle Kommunikation und Kooperation*, de 2005. Como muitos autores que se debruçaram sobre temas interculturais, esse antigo professor da Universidade de Regensburg também se voltou para o campo dos negócios. Suas teorias - assim como as de Hofstede, Hall, Lewis e Trompenaars - são usadas por especialistas na área de relações internacionais corporativas, sem que isso invalide sua utilização por nós da área de ensino.

Ainda que haja especificidades no âmbito corporativo, os *Kulturstandards* desenvolvidos por Thomas, bem como os outros parâmetros desenvolvidos pelos outros estudiosos e já vistos no corpo do presente trabalho, não se aplicam unicamente a esse contexto interacional. Trata-se de características observadas e observáveis em todas as interações dentro de cada sociedade.

Thomas é coautor e editor de uma série de livros que se dedicam ao treinamento de executivos que pretendem trabalhar no exterior. Nessas obras, que

¹⁰ Als Kind beobachtet man das Verhalten seiner Mitmenschen und imitiert es, nachdem man immer wieder ähnliches Verhalten gesehen hat. Bald werden bestimmte Handlungsabläufe und Verhaltensmuster als selbstverständlich angesehen und somit zum Automatismus. Dies bringt den Vorteil, dass man sich nicht jedesmal neu überlegen muss, wie man sich im Restaurant zu verhalten hat. (...) Kulturstandards besitzen somit Orientierungsfunktion für das eigene Verhalten und das der Mitmenschen. (...) Diese Prozesse sind so weit automatisiert, dass die Kulturstandards im eigenen Verhalten nicht mehr wahrgenommen werden und automatisch auch von der sozialen Umwelt gefordert werden.

abrangem países como China, USA, Rússia e Brasil, mas também Quênia p.ex., são apresentados problemas que podem surgir nas relações interpessoais no ambiente de trabalho em empresas multinacionais e explicações para que cada lado possa entender o porquê desse ou aquele comportamento por parte do colega da outra cultura. Segundo Thomas (2005: 8), na introdução ao volume dedicado ao Brasil:

Compreensão intercultural não se constrói apenas através da coleção de experiências variadas em situações cotidianas de encontro intercultural, mas também e principalmente através da reflexão e da análise sistemática de comportamentos. É necessário que haja conhecimento acerca das características do sistema de orientação culturalmente específico dos brasileiros, e é necessário que se construa uma compreensão da dinâmica do próprio sistema de orientação culturalmente específico.¹¹

Thomas pontua muito bem a necessidade de que se reflita sobre a própria cultura a fim de “desnaturalizá-la”, i.e. entendê-la como um convencionalismo, um construto social que é inculcado em todos os indivíduos durante sua socialização no seu respectivo grupo social. Entender o outro é conhecer a lógica interna de sua cultura e colocar-se no seu lugar.

Sobre as críticas já mencionadas acima no corpo deste trabalho a muitos estudos interculturais, Thomas (2005 : 8) reitera o caráter científico de seu trabalho:

O material ora apresentado contém a descrição de situações autênticas de encontro entre alemães e brasileiros, descritas do ponto de vista alemão, além de material informativo e pedagógico necessário importante para a construção da compreensão intercultural, o qual foi obtido através de análises científicas de processos interacionais. O conjunto específico de textos corresponde ao modelo de treinamento que se conhece internacionalmente como “Culture Assimilator” ou “Cultural Sintisizer”, que demonstrou em muitos estudos ao longo de décadas e também em estudos avaliativos ser extremamente eficaz.¹²

¹¹ Interkulturelles Verständnis entwickelt sich eben nicht allein durch die Ansammlung vielfältiger Erfahrungen in alltäglichen interkulturellen Begegnungssituationen, sondern bedarf der Reflexion und systematischen Verhaltensanalyse. Es muss Wissen vorhanden sein über die Merkmale des kulturspezifischen Orientierungssystems bei Brasilianern, und es muss ein Verständnis für die Handlungswirksamkeit des eigenen kulturspezifischen Orientierungssystem aufgebaut sein.

¹² Das vorliegende Trainingsmaterial enthält die Beschreibung authentischer Begegnungssituationen zwischen Deutschen und Brasilianern, geschildert aus deutscher Sicht, und dazu für den Aufbau interkulturellen Verstehens wichtiges Informations- und Lernmaterial, das auf der Basis wissenschaftlicher Analysen der geschilderten Interaktionsprozesse gewonnen worden ist. Die spezifische Zusammenstellung der Textmaterialien entspricht dem als “Culture Assimilator” oder “Cultural Sinsitizer” international bekannten Trainingsformat, dass (sic) sich in vielen Studien über Jahrzehnte hinweg auch in wissenschaftlich gesicherten Evaluationsstudien als außerordentlich lernwirksam herausgestellt hat.

Os *Kulturstandards* descritos por Thomas (2005) para o Brasil são os seguintes:

1. *Personenorientierung* – relações pessoais

No Brasil, as relações (interpessoais) são mais importantes do que as “coisas”, i.e. o assunto, o tema, o trabalho. No âmbito empresarial, nota-se que o ambiente de trabalho só funciona bem se houver um bom relacionamento entre as pessoas – o que vale também para as relações com parceiros comerciais: um acordo comercial não costuma ser fechado sem antes haver uma empatia entre as duas partes. Esse *Kulturstandard* corresponde grosso modo ao que DaMatta sabiamente imortalizou em sua dicotomia casa e rua. O que Thomas e outros estudiosos constataram é a necessidade de o brasileiro sentir-se “em casa” na rua, i.e. nos espaços públicos, espaços esses ameaçadores.

2. *Interpersonelle Harmonieorientierung* – Harmonia interpessoal

Thomas chama de necessidade de harmonia o fato de os brasileiros não comunicarem críticas de maneira direta. O “perder a face” é no Brasil bastante problemático, de modo que um brasileiro não diz nunca diretamente um “não” – somos mais um país do “pode ser”. Indiretividade e *high-context* são termos já discutidos em outro capítulo que estão relacionados a essa categoria criada por Thomas.

3. *Kontakt- und Kommunikationsfreudigkeit* - Abertura e comunicatividade

Essa categoria corresponde ao que Buarque de Holanda chamou de “homem cordial”. O brasileiro se interessa pelo outro, principalmente se for estrangeiro e acha que o bate-papo (inglês *small talk*) não é de modo algum perda de tempo, como o encaram os alemães, principalmente em ambiente de trabalho. Para os brasileiros, ele serve para tecer as redes de contatos. A “cordialidade” é por vezes mal interpretada pelos alemães e outros estrangeiros, pois a consideram falsa, já que não entendem sua efemeridade não mal intencionada.

4. *Hierarchieorientierung* - Orientação pela hierarquia

Thomas (2005 : 91-92) vê o fato de nós brasileiros termos um senso de hierarquia muito forte como reminiscência de nosso passado colonial, de suas estruturas que logo se refletiram no paternalismo ainda presente em nossa sociedade. Os subordinados devem obedecer sem questionar as decisões do chefe e recebem em contrapartida apoio e benesses. Essa categoria corresponde à categoria distância do poder de Hofstede.

5. *Emotionalismus* – emoções

O termo cordial, já mencionado algumas vezes no presente estudo, vem da palavra latina para coração. As emoções de Thomas estão relacionada ao fato de o Brasil ser uma cultura que age mais com o coração, guiado pela emoção do que pela cabeça, a razão.

Isso também quer dizer que o brasileiro não tem problemas em demonstrar seus sentimentos, a não ser que esses sejam negativos (Thomas 2005 :70), pois isso significaria uma quebra da harmonia descrita acima. Por esse motivo, os brasileiros consideram os alemães p.ex. como frios por um lado (por não demonstrarem seus sentimentos abertamente) e por outro lado grosseiros, por demonstrarem seu descontentamento e reclamarem abertamente em público, o que no Brasil é geralmente muito mal visto.

Thomas também situa o que Hall chamou de proxêmica nesse *Kulturstandard*: o fato de os brasileiros procurarem um contato mais próximo com os outros, de se tocarem mais.

6. *Gegenwartsorientierung* – Orientação pelo presente

Esta categoria pode ser descrita em duas frases: os brasileiros planejam com menor antecedência que os alemães p.ex. e fazem várias coisas ao mesmo tempo (cultura policrônica, como já foi visto segundo a teoria de Hall). Nos termos de Hofstede, o índice de controle de incerteza é baixo. Esse *Kulturstandard* está intimamente ligado à próxima, flexibilidade.

7. *Flexibilität* – flexibilidade

Nos estudos interculturais, tenta-se sempre utilizar categorias de análise que sejam neutras, de modo que os preconceitos existentes nas cabeças das pessoas sejam desfeitos. Nenhuma categoria de análise é, no entanto, tão claramente positiva como esta. Nossa orientação pelo presente faz com que tenhamos de ser criativos e inventivos para solucionar problemas que eventualmente surjam devido à falta de planejamento. Essa característica reconhecida pela totalidade dos brasileiros é o famoso “jeito, jeitinho”. Ainda que o jeitinho brasileiro seja encarado por vezes como algo escuso, na maioria das vezes se trata entretanto de uma maneira de organizar o caos existente¹³. Thomas (2005 : 125) se refere ao “jeito” nos seguintes termos:

Um executivo bem-sucedido tem de saber usar mais um aspecto da flexibilidade: o jeito. O jeito é um conceito muito difícil de ser traduzido em outras línguas, já que ele representa uma característica cultural muito típica. Ao pé da letra, significa artimanha ou truque, mas esses dois conceitos não abarcam todos os sentidos do jeito. O que ele expressa é a capacidade dos brasileiros de sair de qualquer situação, por mais desesperadora que ela seja. (...) O jeito pode ter características de corrupção e nepotismo, se se tratar de dinheiro ou relações de poder. Ele não deve contudo ser reduzido a esse aspecto negativo, pois ele compreende mais do que isso. Ele torna o dia-a-dia do brasileiro e lhe confere a necessária flexibilidade.¹⁴

Passamos a descrever os *Kulturstandards* para a Alemanha:

1. *Regelorientierung* – orientação por regras

Os alemães obedecem minuciosamente regras e leis. Para os brasileiros, isso por vezes é entendido como falta de flexibilidade, já que muitas das vezes a

¹³ O “jeitinho” já foi exportado para pelo menos uma cultura vizinha: a argentina, onde a palavra *yeito*, adaptada ortograficamente para ser pronunciada como em português, já entrou para o dicionário.

¹⁴ Ein erfolgreicher Manager muss auch noch einen weiteren Aspekt der Flexibilität beherrschen, den Jeito. Der Jeito lässt sich als Begriff kaum in andere Sprachen übersetzen, da er eine für Brasilien typische kulturelle Eigenheit darstellt. Wörtlich bedeutet Jeito so viel wie Kniff oder Trick, wobei diese Begriffe die Bedeutung des Jeitos nicht umfassend wiedergeben. Gemeint ist die Fähigkeit der Brasilianer, aus jeder noch so auswegloser Situation zu finden.(...) Der Jeito kann Züge von Korruption und Vetternwirtschaft annehmen, wenn Geld oder Beziehungen eine Rolle spielen. Er darf jedoch nicht auf diesen negativen Aspekt reduziert werden, da er mehr beinhaltet. Er vereinfacht den brasilianischen Alltag und gewährt dazu die nötige Flexibilität.

burocracia brasileira lhes parece sem sentido e deveria ser contornada por um “jeitinho” (Thomas 2005 : 125-126). A falta de flexibilidade dos alemães é o motivo de se tentar evitar qualquer tipo de erro já no início. Por isso, muitas vezes são feitas críticas a “detalhes” que passariam despercebidos para um brasileiro. As críticas feitas diretamente tanto em ambiente de trabalho quanto privado são por vezes consideradas como sendo pessoais pelos brasileiros. Contrapõe-se aqui o *Kulturstandard* orientação pessoal descrito para o Brasil acima, onde uma crítica aberta seria considerada uma ofensa e atrapalharia a harmonia social.

2. *Organisationsbedürfnis* – necessidade de organização

A inflexibilidade dos alemães quanto ao planejamento tem como explicação a necessidade de se evitar imprevistos, o que nos remete à categoria controle de incerteza descrita por Hofstede. Mudanças de planos são vistas como incompetência. Essa categoria é antagônica à flexibilidade dos brasileiros.

3. *Interpersonale Distanzdifferenzierung* – distância interpessoal diferenciadora

Esse *Kulturstandard* se opõe à cordialidade brasileira, à *Kontaktfreudigkeit* (comunicatividade) descritas acima: os alemães necessitam de mais tempo para abrir-se frente a um estranho. Um dos motivos é o medo de se invadir a privacidade do outro – algo inalienável para os alemães e que deve ser respeitado a todo custo.

4. *Direktheit interpersoneller Kommunikation* – Diretividade na comunicação interpessoal

Trata-se de um dos grandes motivos de mal-entendidos entre brasileiros e alemães, pois esse *Kulturstandard* contrapõe mais uma vez as duas culturas. Está relacionado já mesmo no nome com o conceito de diretividade já abordado neste estudo. Para os alemães, *low-context* por excelência, tudo deve ser dito e discutido. É interessante notar como a própria língua alemã tem uma palavra para isso: *ausdiskutieren* (discutir um tema até o fim, até tudo ficar claro). O próprio

verbo *diskutieren* tem conotação diferente em alemão daquela do verbo discutir em português. Uma *Diskussion* em alemão nunca tem o sentido negativo, de quebra da harmonia como a palavra discussão pode ter em português brasileiro. A diretividade na comunicação é importante para os alemães a fim de se evitarem ambigüidades. O entredito, subentendido não satisfaz a dois *Kulturstandards* alemães: a necessidade de organização e a orientação prática, que vai ser discutida mais abaixo.

4. *Sachorientierung* – Orientação prática

Esse *Kulturstand* é o contrário do *Personenorientierung* visto como básico na cultura brasileira. Para os alemães, o que importa é o fato. No ambiente de trabalho, isso significa que não se sente a necessidade de travar conhecimento mais profundo com os colegas e com os parceiros comerciais p.ex. Essa orientação prática também se contrapõe ao caráter mais emocional dos brasileiros, já que os alemães preferem não mostrar muito de si diante de outras pessoas.

5. *Zeitplanung* – planejamento do tempo

Enquanto para os brasileiros o planejamento é muitas vezes menos intenso - por se confiar na capacidade de improvisação - para os alemães é importantíssimo que tudo seja planejado minuciosamente e com bastante antecedência. Mesmo na vida pessoal, tempo é precioso: “Zeit sei ein kostbares Gut und darf nicht nutzlos verschwendet werden” (Schroll-Machl 2002 : 119 *apud* Azeredo 2011: 43).¹⁵

Por isso, tudo deve ser planejado, mesmo encontros informais. Daí a dificuldade de interação com brasileiros que principalmente no ambiente pessoal seriam para os alemães *unzuverlässig* (pouco confiáveis): combinam-se horários que não são cumpridos do ponto de vista dos alemães, um encontro pouco „amarrado“ é entendido como um convite de fato etc.

¹⁵ Tempo seria um bem precioso e não pode portanto ser desperdiçado em vão.

6. *Trennung von Persönlichkeits- und Lebensbereich* – Separação entre ambiente pessoal e de trabalho

Essa categoria reitera a característica individualista e mais racional dos alemães. Como já foi mencionado em outros *Kulturstandards*, há uma necessidade de se separar claramente o que é privado daquilo que é pessoal, bem como o racional, que pertence ao mundo do trabalho, do emocional, que pode ser expressado no ambiente familiar. Nota-se que no Brasil, ao contrário, as fronteiras entre o privado e o público não são muito claras, como disse DaMatta (1991).

3.4

Brasil-Alemanha segundo as teorias apresentadas

Como se pode constatar, as culturas brasileira e alemã seriam segundo todos os modelos acima bastante diferentes em vários pontos. O modelo de Thomas (2005) é aquele que mais claramente demonstra os vários pontos de conflito possíveis entre membros de ambas as sociedades.

Trata-se de vários pontos de atrito cujas verdadeiras razões de ser são por vezes invisíveis a olho nu para um observador desatento. Tal fato leva a lugares comuns e interpretações equivocadas por não partirem dos *Kulturstandards* de cada sociedade. Afirmações como a seguir são bastante comuns: o brasileiro é mal-educado por chegar tarde a um encontro, o alemão por sua vez é grosseiro por explodir de raiva quando esse chega (se chegar...)?

Para entender o porquê de o outro agir dessa ou daquela maneira, faz-se necessário entender a lógica interna da cultura, para que possam ser criados parâmetros de entendimento. Essa lógica interna está localizada “abaixo da linha d’água” se lançarmos mão do famoso modelo do iceberg, segundo o qual todos os valores, crença, não-ditos e subentendidos em uma sociedade estariam localizados. Nas palavras de Hartnack e Schreiner (2008 : 87):

Em muitas publicações sobre comunicação intercultural é utilizado o modelo do Iceberg. Esse modelo quer dizer que só uma pequena parte de cada cultura é visível. A parte essencial do iceberg, que tem uma função de sustentação, está, no entanto, escondida debaixo da água. Em cada cultura estão relacionados p.ex. a língua, modos de comportamento, hábitos alimentares, práticas religiosas e outras manifestações aos aspectos visíveis; modos de pensar, percepção de tempo e espaço, considerações morais, valores e crenças por outro lado àquilo que não se

pode ver. Partindo desse modelo, é a tarefa do treinamento intercultural trazer à tona (i.e. à consciência) esses aspectos invisíveis, para que possamos nos preparar melhor através de conhecimento para os desafios antecipados da comunicação intercultural.¹⁶

O não conhecimento daquilo que Hall chamou já na capa de seu livro de linguagem silenciosa ou dimensão oculta resultaria - como no caso do choque de um navio contra um iceberg - em um desastre. A metáfora de choque, embate é constante em várias obras que tratam de interculturalidade, como *When Cultures Collide*, de Richard Lewis ou o polêmico *The Clash of Civilizations* de Huchinton, mais voltado para a política mundial.

O humor, que é o ponto central do presente estudo, estaria também localizado na parte inferior do iceberg. Que todo ser humano ri é um lugar comum. Por que cada cultura ri, como ri, quando e do que ri – esse é o nosso tema. É sabido p.ex. que muitos asiáticos riem quando estão “sem graça” - um pouco como o ataque de riso aparentemente imotivado, ou o *fou rire* (riso “louco”) dos franceses, ou *Lachanfall* (ataque de riso) dos alemães.

O que se vê – o sorriso ou o riso é a ponta do iceberg – mas o que está por detrás, ou melhor, por debaixo disso? Pode-se identificar esses conceitos, essas categorias que foram desenvolvidas pelos estudiosos da psicologia, lingüística, sociologia para classificar culturas, por assim dizer, nas situações em que há a presença do humor?

Como afirmam Roodenburg e Bremer (2000), o riso é universal, mas ele nem sempre tem o mesmo sentido. O humor, que foi definido para os fins do presente estudo como aquilo de que se ri em determinada cultura, específico, é que vai determinar quando e por que razão se ri.¹⁷

¹⁶ In vielen Publikationen zur interkulturellen Kommunikation wird das so genannte Eisbergmodell herangezogen. Es besagt, dass nur ein kleiner Teil der jeweiligen Kultur sichtbar ist. Der wesentliche Teil des Eisbergs, der auch tragende Funktion hat, liegt hingegen unter Wasser und bleibt verborgen. In Bezug auf die jeweilige Kultur gehören z.B. Sprache, Verhaltensweisen, Eßgewohnheiten, religiöse Praktiken und andere äußere Erscheinungsformen zu den sichtbaren Aspekten; Denkweisen, Zeit- und Raumverständnis, moralische Haltungen, Werte und Glaubensvorstellungen hingegen zu den unsichtbaren. Ausgehend von diesem Modell geht es in interkulturellen Trainings darum, diese unsichtbaren Aspekte verstärkt ins Bewusstsein zu befördern, um sich durch Kenntnis der Unterschiede besser auf antizipierte Herausforderungen interkultureller Kommunikation vorzubereiten.

¹⁷ Ainda segundo Roodenburg e Bremer (2000), nota-se um refinamento do humor através dos tempos que culminou no humor politicamente correto de nossos dias. O riso do tipo “videocacetada” foi excluído do presente estudo por se encaixar naquilo que se considera universal por causar riso aparentemente em todas as sociedades, como se observa ao se observar vídeos de sucesso na internet ou em programas do tipo *Domingão do Faustão*.

3.5

Comunicação Intercultural ou Pragmática Intercultural?

O conceito de interculturalidade é bastante atual e é tema constante em vários eventos que tratam de ensino de línguas estrangeiras¹⁸. Como já foi exposto no primeiro capítulo, considera-se hoje em dia a abordagem intercultural não como um método de ensino de línguas, mas sim uma complementação da abordagem comunicativa atualmente privilegiada no contexto de ensino de línguas. Grünwald (1996 : 24) nos ensina que já no ano de 1975 o termo *interkulturelle Kommunikation* (comunicação intercultural) foi usado por Göhring e com isso foi dada maior ênfase à *Landeskunde/Cultura* ao lado da competência comunicativa. O que antes eram apenas fatos e informações passa a ser considerado importante para uma comunicação efetiva entre membros de diferentes comunidades linguísticas.

Azeredo (2011 : 44), que concluiu seu mestrado na Universidade de Kassel com um trabalho sobre problemas de interações entre brasileiros e alemães em uma firma alemã, diz:

Neste sentido, é expandido o objetivo pedagógico da aula de língua, pois os aprendizes devem atingir competência comunicativa em situações interculturais. Para tal, devem ser capazes de entender e julgar fenômenos interculturais não através das suas próprias normas culturais. Eles devem ser capazes de comparar culturas e reconhecer por si mesmos as diferenças culturais.¹⁹

Ulrike Schröder (2011) afirma que é muito importante que não fiquemos apenas no nível de explicações interculturais, mas sim que passemos ao plano micro e pragmático. A autora revê alguns conceitos apresentados neste estudo e os relativiza usando uma metodologia orientada pela pragmática ao analisar seu corpus de entrevistas Schröder (2011 : 150-151):

(...) Revelou-se que as funções referencial e metacomunicativa são mais destacadas no corpus alemão, ao passo que as funções diretivas, fáticas e poéticas assumem um papel mais decisivo nas enunciações do *corpus* brasileiro. (...) no

¹⁸ No 8º Congresso Brasileiro de Professores de Alemão, houve várias plenárias sobre o tema, bem como várias comunicações que trataram do tema. <http://abrapa.org.br/congresso2011/principal.php>

¹⁹ In diesem Sinne wird das Lernziel des Fremdsprachenunterrichts erweitert, denn die Lernenden sollen kommunikative Kompetenz in interkulturellen Situationen erlangen und dabei sollen sie begreifen, interkulturelle Erscheinungen und Ereignisse nicht anhand der eigenkulturellen Normen zu beurteilen. Sie sollen lernen, Kulturen zu vergleichen, um kulturelle Unterschiede erkennen und herausarbeiten zu können.

corpus brasileiro, o modo de se exprimir caracteriza-se mais por um estilo carregado de elementos dramáticos, poéticos e enfáticos, o que dramatiza o dito e se serve da força persuasiva da língua.

Mesmo se valendo de um instrumental mais pragmático, Schröder desvenda categorias que correspondem àquelas já criadas por outros estudiosos: o brasileiro seria mais emocional, prolixo, enquanto o alemão seria mais contido e reflexivo. O mesmo se dá com as categorias diretividade/indiretividade, que ela reinterpreta a partir das teorias de Brown e Levinson (1978, 1987) de trabalho de face e de polidez negativa e positiva.

Schröder (2011 : 157-161) reinterpreta as categorias de *low/high context* de Hall utilizando as teorias de House (2003) e Markowsky e Thomas (1995) para chegar à conclusão de que os alemães são mais diretos e codificam menos suas mensagens, pois o mais importante é o conteúdo das mesmas. O motivo é que em culturas monocrônicas a explicitação existe para evitar ambiguidades. O mesmo motivo é visível na interação entre brasileiros e alemães quando há uma discussão (no sentido alemão): a definição do turno é algo que não é claramente marcado no português brasileiro, de modo que um alemão pode se sentir ofendido por não o deixarem *ausreden* (terminar de falar).

Também a proxêmica é reavaliada como sendo uma invasão física (Schröder 2011 : 162). Na análise de algumas situações cotidianas, como fazer compras em uma loja, tomar um táxi, Schröder (2011 : 162-165) encontra outros tipos de “invasão de território” de acordo com Goffman (1971): o fato de uma vendedora perguntar pelo nome da cliente, intrometer-se na compra, ou um taxista indagar o passageiro sobre seu estado civil, são analisados como invasões de “reservatório de informação e de conversação”.

Schröder (2011 : 166) afirma que o estilo de comunicação brasileiro seria mais interacional e o alemão mais transacional segundo Spencer-Oatey (2008), i.e. os alemães estariam mais interessados em passar a informação enquanto que para os brasileiros seria mais importante comunicar amabilidade e boa vontade – o homem cordial! Em sua conclusão afirma Schröder (2011 : 166-167) :

Sendo assim, a preferência a um destaque maior das funções referencial e metacomunicativa, somada a estratégias de “impression management” mais sutis no *corpus* alemão, ao invés de uma ênfase maior dada às funções emotiva, fática e diretiva junto a estratégias do trabalho de face mais aberta (...) a fusão dos

papéis do locutor e interlocutor no caso brasileiro e os territórios menos rigidamente definidos no Brasil do que na Alemanha – todas essas diferenças observadas em um micronível poderiam estar ligadas a essa distinção indicada por Spencer-Oatey. Nisso, a língua transacional seria mais destacada no caso alemão, ao passo que a fala interacional teria uma importância maior no caso brasileiro. Apenas podemos apontar aqui que essas tendências têm a ver com uma série de fatores em um macronível da análise, como: as consequências mais significativas da literalização no caso alemão, visto que na fala e escrita brasileiras há mais elementos da oralidade; uma coletividade maior no caso brasileiro, que se reflete na língua como modo de atuar com o outro, ao invés de um individualismo mais dominante na fala alemã, que busca compreender a língua como acesso ao mundo real, ligado a uma interiorização maior das atividades cognitivas, que também são reflexo da própria história: do protestantismo, do iluminismo, da alta autorreflexão sobre a própria nação pós-nazista, para nomear apenas alguns aspectos decisivos.

Wink (2011 : 197-201), no mesmo livro em que foi publicado o texto de Schröder, intitulado *Ensinar Alemão no Brasil – contextos e conteúdos*, é mais veemente em sua crítica aos estudiosos interculturalistas, tais como Hofstede, Trompenaars e Edward T. Hall, principalmente por sua – segundo ele – metodologia falha ao levantar os dados.

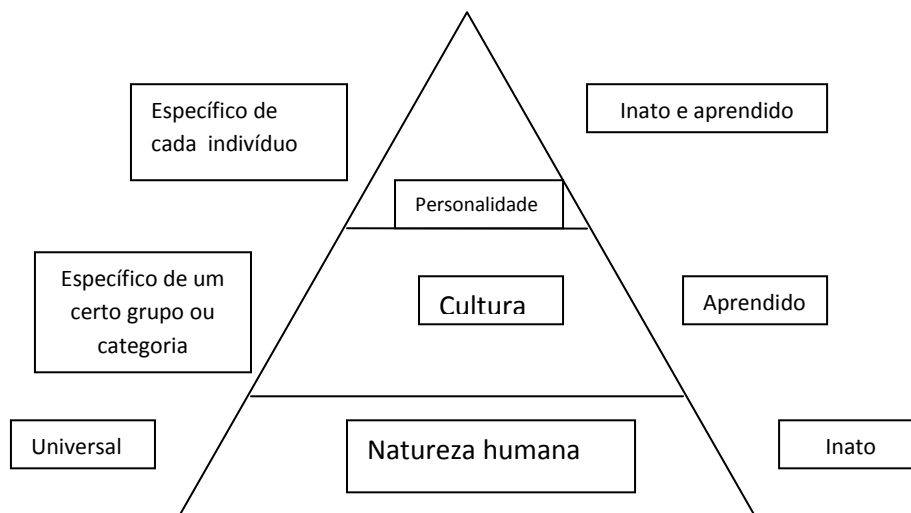
Também critica a abordagem intercultural de um modo geral tal como ela é feita atualmente, principalmente nos chamados treinamentos interculturais. Seu medo é que se perpetuem estereótipos ao invés de eliminá-los: “A praxe de tratar através desse conceito [cultura] supostas diferenças interculturais é contraprodutiva, pois não leva à relativização de estereótipos, mas volta a afirmá-los” (Wink 2011 : 190).

Não compartilhamos de todas as críticas que Wink faz à abordagem intercultural, mas compartilhamos sim de sua crítica – na verdade conhecida também dos estudiosos criticados por ele – no que se refere ao fato de não haver uma cultura nacional única, nem padrões que abarquem a todos os membros de uma determinada cultura: (Wink 2011 : 213) “O enfoque intercultural, na crença que exista uma cultura alemã até agora não se deu conta disso”.

O que Wink quer de fato dizer é que nós somos todos formados de várias camadas. Para tanto, desenvolveu um modelo baseado em “cubos mágicos” que representariam as estruturas universais, socialmente construídas e partilhadas, o contexto específico de comunicação e as especificidades de cada indivíduo. No ato da comunicação, os elementos dos dados se encaixariam Wink (2011 : 210) :

Dessa forma, observando a si mesmo, escutando o outro, tolerante para ambigüidades e na dúvida perguntando, os dois dados mágicos, com formação individual, vão se ajustando em dependência mútua e conseguem – ou não – realizar um a interação satisfatória, como em qualquer comunicação. (...) Basta lembrar quantas pessoas da “própria” cultura (e que freqüentam a mesma academia) nós não suportamos um minuto (só que neste caso não justificamos pelas diferenças culturais, mas porque a pessoa é uma chata).

Podemos concluir então, que as interações entre pessoas são sim marcadas e muitas vezes norteadas pelo seu background cultural, como vimos anteriormente, mas também há outros níveis de análise a serem levados em consideração quando se aborda um tema que parece ser culturalmente marcado como o humor. Como introdução ao próximo capítulo, no qual discorreremos sobre o humor propriamente dito, poderíamos afirmar que rir é universal. Do que se ri, por quê, quando e como – para esse fatores há razões tanto culturais quanto pessoais, já que todos nós seres humanos somos compostos dessas três camadas, como explicita o diagrama:



Adaptado de: http://www.tuer-tor-report.com/uploads/images/35_02_d_TTF_5_09.jpg

Na base do triângulo, encontramos o que é da natureza humana (*menschliche Natur*), comum a todos os seres humanos, determinado pela genética (*angeboren*) e universal. Na faixa intermediária, está aquilo que é aprendido através da socialização (*erlernt*), específico de cada grupo ou categoria. A extremidade superior do triângulo representa aquilo que cada indivíduo tem de

específico seu, sua índole, uma mistura do que é natural (*angeboren*) e do que é resultado da socialização (*erlernt*).

Para que se possa entender o que acontece em situações interculturais, há de se levar em consideração essas três camadas, que compõe todos os seres humanos. A cultura na qual cada um de nós foi socializado, e que nos transmitiu valores, crenças e visões de mundo não deve ser encarada como 100% determinante, mas sim como um parâmetro importante nas nossas interações com indivíduos ou grupo de pessoas que passaram por outro processo de socialização.

A crítica feita muitas vezes aos estudos interculturais é a generalização feita devido ao uso de estereótipos. No nosso ponto de vista, os estereótipos são um elemento válido para o entendimento do que acontece em situações interculturais, mas há de se ter a consciência de seu caráter não determinista. Portanto, algumas das situações consideradas “engraçadas” nos dois programas de televisão escolhidos como *corpus* para o presente estudo podem não ser percebidas como tal por todos os brasileiros ou por todos os alemães, respectivamente.